

# Críticas



# profanar túmulos, imaginar vidas

reflexão crítica de amilton de  
azevedo sobre "Criatura, uma  
Autópsia", de Bruna Longo



ruína acesa

Sep 19 · 4 min read

[com colaboração de Andréa Martinelli na  
edição]



Frankenstein. Curioso pensar que este nome remete, muitas vezes, à criatura e não ao criador. A história escrita por Mary Shelley, muito conhecida e talvez pouco lida, é ponto de partida para *Criatura, uma Autópsia*, de Bruna Longo. O programa do espetáculo contextualiza não apenas a pesquisa de Longo, mas também a vida de Shelley e sua obra *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* e apóia a recepção da peça

O processo criativo iniciou-se pelo interesse de Longo na solidão da criatura. A artista viu os rumos de seu trabalho se transformarem ao entrar em contato com a biografia de Shelley — ela teve acesso aos manuscritos originais da autora e de sua família, guardados na Universidade de Oxford. O projeto é absolutamente autoral: a atriz assina concepção, dramaturgia e trilha, além de dividir o

cenário com Kleber Montanheiro e ter Larissa Matheus colaborando com os objetos.

Surge uma relação interessante na construção de monólogos que partem de anseios pessoais. A artista cerca-se de provocadores e colaboradores para nutrir o trabalho com um olhar de fora, mas sem perder a total autonomia da criação. Para além de qualquer valoração, o resultado é fruto dos desejos e caminhos definidos pela pessoa que concebeu o projeto.

Em *Criatura, uma Autópsia*, Longo estrutura o solo principalmente sobre uma dramaturgia física, mesmo que haja uma densa textualidade. A fisicalidade da encenação se evidencia quando a atriz se torna a criatura de Frankenstein. Intérprete hábil, constrói a trajetória de toda uma existência angustiada sem usar palavras. Porém, este dado já está

relação ao espaço — e fundamentalmente nas ações com os objetos — que comporta uma intrincada narrativa.



Bruna Longo em "*Criatura, uma Autópsia*" / foto: Danilo Apoena

No tensionamento entre vida e obra, emerge como central a relação de artistas com o mundo que os circunda. Assim como em *Frankenstein*, a busca da criação — aqui artística — também se relaciona com criar vida a partir das perdas. *Criatura* sobrepõe biografia, invenção e

romance na reflexão acerca dos túmulos que profanamos constantemente.

O mundo pode ser visto como um cemitério de lembranças. Lugares e momentos muitas vezes se enterram em nossas memórias e podem ser evocados ou evitados. Na arte, muitas vezes, não é possível fugir do que nos constitui. Shelley, na introdução de uma edição de *Frankenstein*, questiona-se sobre como uma garota tão jovem pode escrever algo tão terrível — ela tinha apenas 19 anos à época. O olhar inquieto e aprofundado de Longo sobre sua biografia permite que *Criatura* sugira hipóteses.

A mãe da autora, Mary Wollstonecraft, uma das vozes de um movimento feminista ainda emergente no norte do mundo, veio a falecer dez dias após o parto. Desde o nascimento, a vida de Mary

Shelley foi acompanhada e cercada da morte. O espetáculo de Longo passeia por estas histórias, entre diários, trechos de *Frankenstein* e poucas inserções da atriz. Neste sentido, é bem-vindo o subtítulo *uma Autópsia*.

Não se trata de obra biográfica, tampouco se narra a — complexa — história do romance. *Criatura* se localiza neste lugar de busca; da relação entre doutor e criatura, criador e criação. Assim, no trânsito entre as camadas da narrativa, por vezes alguns dados podem não ser compreendidos de imediato — momentos específicos podem gerar certa confusão, mas nada que interfira na relação do público com o espetáculo.

No cenário de Longo e Montanheiro, uma diagonal é estabelecida pelo contorno de duas correntes. A delimitação do espaço potencializa os momentos em que a atriz transgride esses limites. Para além de ações específicas, porém, há outras em que a corrente parece ser algo demasiado simples de ser atravessada, o que gera certo ruído.

Nas pontas da diagonal, constroem-se dois nichos. Ao fundo, parecem acumular-se os materiais da vida de Shelley.

Representações de suas dores, pulsões e perdas. Na frente, os instrumentos; entre o rudimentar, o místico alquímico, a pena e o papel, as possibilidades de criar vida. A trilha, que também é concebida por Longo, apresenta-se às vezes como uma sonorização perturbadora.

*Criatura, uma Autópsia* faz poucas concessões ao espectador. O silêncio inicial, o uso das narrações em *off* e um importante dar-se o tempo para as explicações — ou contextualizações. Há muito do não-dito na dramaturgia, da solidão, da morte; das formas de se lidar com as dores inomináveis do mundo. A arte, essa criatura que muitas vezes não pede para nascer, segue buscando seus caminhos.



# Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

domingo, 1 de setembro de 2019

## CRIATURA – UMA AUTÓPSIA



O artista que muito jovem escreve sua obra prima fica marcado por ela pelo resto de sua vida. Com Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) não aconteceu diferente. Ela tinha apenas 21 anos quando escreveu Frankenstein e essa é a obra pela qual ela será sempre lembrada. Apesar de muito jovem Mary já tinha uma experiência de vida e já havia perdido dois filhos, mesmo assim é surpreendente pensar em sua imaginação ao criar personagem tão monstruoso.

Bruna Longo concebeu um espetáculo onde coloca frente a frente criadora e criatura e em apenas uma hora dá ao espectador uma boa ideia da vida de Mary Shelley e de seu personagem mais famoso. Pequenininha em tamanho, Bruna se agiganta em cena colocando seu corpo e sua límpida dicção (como é bom entender cada sílaba que o ator diz!) a serviço de seus personagens. Contribuem para o sucesso da empreitada a lúgubre ambientação cênica criada pela atriz e por Kleber Montanheiro; assim como os adereços que compõem a cena trazidos também por Bruna com a colaboração de Larissa Matheus; a precisa

iluminação de Rodrigo Silbat e a poderosa trilha sonora escolhida também por Bruna. Todos esses elementos harmoniosamente somados oferecem a moldura perfeita para a intérprete que transitando entre o criador e a criatura mostra pleno domínio de cena e oferece ao espectador uma marcante interpretação com base no assim chamado teatro físico.



Foto de Danilo Apoena

Para quem não conhece detalhes da vida de Mary Shelley a primeira parte da peça pode soar confusa, principalmente pelo fato de uma parte da história ser narrada em off e outra pela atriz em cena. Uma leitura prévia do texto incluso no programa ajudaria, mas o mesmo só é entregue quando se entra na plateia.

CRIATURA – UMA AUTÓPSIA encerrou sua temporada na Oficina Cultural Oswald de Andrade no dia 31/08, mas fará **QUATRO SESSÕES EXTRAS** no mesmo local no mês de setembro. Fique de olho nas datas e horários (Telefone: 3222-2662)



GERAL CLIPPING MEMÓRIAS REFLEXÕES MINHAS SUGESTÕES  
O QUE ESTOU LENDO PERSONAGENS PARA A IMPRENSA



Início → GERAL → ESPECIAL: Os melhores do teatro em 2019 (até agora)

A crítica Kyra Piscitelli, do Prêmio Aplauso Brasil e da APCA, também elencou dois atores e duas atrizes como revelações do ano. Segundo a crítica, as atrizes que brilharam em 2019 foram **Nicole Marangoni** e **Bruna Longo**. Sobre o trabalho de Nicole, Kyra afirma que a atriz “transformou suas vivências com o luto de seu pai em um projeto teatral solo, autoral e forte, encenado em uma sala de aula da Aliança Francesa do centro”. “Eu/Telma” não teve direção e sim mentoria de mulheres consagradas do teatro: Evinha Sampaio, Janaína Leite, Naiene Sanchez e Rhena de Faria”.

A respeito de Bruna Longo, Kyra destaca que “com carreira

consolidada, colocou o próprio projeto em cena pra experimentação do público e depois temporada na Oswald de Andrade. ‘Criatura, Uma Autópsia’ é símbolo dos nossos tempos, em que os atores têm se lançado mais em projetos solos, autorais, com recursos próprios no resumo ‘se eu não fizer, não farão por mim’”.



# incandescência [retrospectiva 2019]

amilton de azevedo reflete sobre os espetáculos apresentados na cidade de São Paulo que se destacaram no último ano

ruína acesa [Follow](#)  
ruína acesa Dec 27, 2019 · 9 min read

*[com colaboração de Andréa Martinelli na edição]*



"Fim", "Black Brecht", "Stabat Mater", "A Neve ou Fora de Controle", "Quando eu morrer vou contar tudo a Deus", "MDLSX", "(IN)JUSTIÇA", "Há dias que não morro": alguns dos destaques do 2019 teatral.

## SOLOS

Em *57 Minutos* — o tempo que dura essa peça, apresentado no Parlapatões, o carismático Anderson Moreira Sales atua, dirige e assina a dramaturgia (que parte de *Ulysses*, de James Joyce) no monólogo que versa sobre as grandezas e miudezas que cabem na fragmentação de um dia.

Também partindo de inspirações literárias, *Hipocôndrio*, no Pequeno Ato, com a interpretação muito bem construída de Lucas Heymanns, traz uma figura angustiada em busca de mecanismos de salvação — o personagem baseia-se no protagonista de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann.

Em outro trabalho de grande precisão da intérprete, Bruna Longo intersecciona a vida de Mary Shelley e seu *Frankenstein* em *Criatura, uma autópsia*, na Oficina Cultural Oswald de Andrade. No texto da encenação, trechos dos diários da autora, de sua obra e registros de pessoas próximas; salta aos olhos a dramaturgia física construída por Longo.

Nicole Marangoni constrói *Eu/Telma*, apresentado em uma sala do Teatro Aliança Francesa, dentro da seara da autoficção, propondo uma personagem cuidadora de idosos que parte de sua experiência com cuidados paliativos — e do processo da perda de seu pai. Uma encenação inteligente e delicada.

# DIRETO DA FONTE SONIA RACY

O Blog: [estado.com.br/diretofonte](http://estado.com.br/diretofonte) Facebook: [facebook.com/SoniaRacyEstado](https://facebook.com/SoniaRacyEstado) Instagram: [@columindiretofonte](https://instagram.com/columindiretofonte)



**Colaboração**  
Marcela Paes [marcela.paes@estado.com](mailto:marcela.paes@estado.com)  
Paula Bonelli [paula.bonelli@estado.com](mailto:paula.bonelli@estado.com)  
Sofia Patsch [sofia.patsch@estado.com](mailto:sofia.patsch@estado.com)

## Vira, volta...

Joaquim Álvaro Pereira Leite sinaliza para onde sua gestão deve andar. Pelo que se apurou, o novo ministro do Meio Ambiente trocou ideias com o Itamaraty rumo à criação de uma ...COP-26 paralela à de Glasgow, a ser montada em Brasília.

A ideia é ter mais do que a presença física de integrantes do governo e da iniciativa privada na importante conferência sobre o clima organizada pela ONU.

Pretendem maximizar os atores, convidando ONGs de pequeno porte, para assistir e intervir de modo online. O auditório da CNI já está reservado para tanto.

## ...no verde?

Para debater o modelo, Pereira Leite também esteve essa semana com o embaixador britânico, Vijay Rangarajan.

## Recado direto

Raimundo Bonfim, da Central de Movimentos Populares, não se opõe à participação do centro e até do centro no palanque das manifestações contra Bolsonaro marcadas para o sábado.

Entretanto, espera... sinalização. "Não se trata de tirar bandeiras, mas de colocá-las em outras. Em 1984 (nas Diretas) foi assim".

## Não deu

O sucesso repentino da Copacabana no setor de distribuição de combustíveis - subiu do 15º posto no ranking do Brasil para o 4º lugar - pode desacelerar. A empresa perdeu ação na Justiça ontem e volta ao regime especial de pagamento de ICMS.



POLAROID

Andréa Collin teve a consultoria de Oscar Quiroga para criar coleção de joias inspirada nos astros do zodíaco. "Em uma época de incertezas e buscas por repostas, quisemos dar um presente para nossas clientes, trazendo o mapa astral delas de acordo com hora, local e dia do nascimento feito pelo Quiroga", explica a joalheira. "Esse mapa vem cravejado em anel, pulseira, brinco ou colar e todas as peças trazem uma mensagem personalizada do astrólogo".

## Roda mundo

Os vencedores da licitação para instalar roda gigante no Parque Cândido Portinari podem ter que parar a obra. A Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado enfrenta ação popular, a ser julgada sexta-feira, questionando a lisura do processo.

## Engajada

O jovem brasileiro está mais interessado em educação política, de acordo com um balanço feito ao longo de seis anos pelo Politize! Em 2021, houve recorde de inscrições do Programa Embaixadores - curso gratuito de educação política e formação de lideranças para jovens a partir de 16 anos.

## Arte integrada

O último vídeo da série Segredos, um desdobramento da exposição de osso meos na Pinacoteca, será lançado hoje no YouTube do museu.

## NA FRENTE

● O Adeline Instituto pilota o debate beneficente Mercado de Arte - Atualizações e Consumo na Era Digital, com Cauê Alves, Luciana Brito e Tais Koshino. Hoje, pelo canal da instituição no YouTube, com renda revertida em cestas básicas para a Ação Urgente Contra a Fome Seca - que reúne instituições atendidas pelo Mesa Brasil @mesabrasilbessp.

● Esther e Murillo Schattman comemoram 35 anos da Ormare, hoje, nos Jardins.

● É sábado a abertura oficial do Festival de Verão e Inverno de Campos do Jordão, com concerto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.



Polliana Aleixo está há três meses gravando no Uruguai para a próxima temporada - ainda sem data de estreia - da série El Presidente, da Amazon Prime. "Minha personagem é filha única do protagonista, o ex-presidente da Fifa, João Havelange", adianta Polliana, que também celebra parceria profissional com o roteirista argentino Armando Bó, encarregado da produção executiva da trama.

## Caderno2

Dirceu Alves Jr.  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Foi no carnaval de 2020 a última festa antes de o mundo se fechar por causa da pandemia. Centenas de pessoas se espalhavam por uma rua de Santa Cecília até uma chuva torrencial ameaçar a folia. "Vamos dar um tempo lá em casa, aqui pertinho, pelo menos até a tempestade parar", disse a atriz Bruna Longo aos animados amigos. Em meio ao grupo, estavam as atrizes Erica Montanheiro e Camila dos Anjos, que, assim como Bruna, estrearam meses antes monólogos em torno de figuras femininas confrontadas com uma sociedade opressora. "Erica e Camila, por que a gente não une forças, junta nossos espetáculos e pensa em uma temporada coletiva?", provocou Bruna, entre copos de tequila e latinhas de cerveja.

O projeto *Anônimo Muitas Vezes Foi Mulher* reúne três solos femininos, *Criatura, uma Autópsia*, concebido e protagonizado por Bruna, *Inventário*, escrito e interpretado por Erica, e *Quebra-Cabeça*, criado por Camila com base em sua história pessoal. Em comum, eles tratam de um trio de artistas, a escritora Mary Shelley, a escultora Camille Claudel e a própria Camila, que, nos séculos 19, 20 e 21, respectivamente, foram oprimidas em seus atos criativos e, muitas vezes, silenciadas em suas identidades.

Em versões filmadas, os espetáculos da trilogia estreiam nesta sexta, 2, e ficam em cartaz até 19 de setembro, ocupando o YouTube dos teatros Caçilda Becker, Arthur Azevedo, João Caetano e Alfredo Mesquita a cada três semanas. *Criatura, uma Autópsia* é o destaque de sexta (2) e sábado (3), às 21h, e domingo (4), às 19h, no YouTube



Trilogia. 'Criatura, uma Autópsia', concebido e protagonizado por Bruna, 'Inventário', escrito e interpretado por Erica, e 'Quebra-Cabeça', criado por Camila

# ELAS NÃO FICAM EM SILÊNCIO

Em três solos teatrais, as atrizes Erica Montanheiro, Bruna Longo e Camila dos Anjos dão voz a mulheres oprimidas

de do Caçilda Becker, sendo substituído na próxima semana por *Inventário* e, a seguir, *Quebra-Cabeça*. Os ingressos, gratuitos, devem ser reservados na plataforma Sympia.

Bruna, de 42 anos, parece disposta a derrubar projeções machistas com a parceria. "É preciso acabar com essa falácia de que mulher é competitiva. A gente se ajuda o tempo todo e estamos aqui somando forças", defende. Em *Criatura, uma Autópsia*, a artista funde fragmentos do romance *Frankenstein* ou *O Prometeu Moderno* e elementos biográficos da inglesa Mary Shelley, que escreveu a obra-prima antes dos 20 anos e teve a autoria questionada.

mulher talentosa, cheia de atitude, passou 30 anos alienada do mundo, presa em um sanatório, depois de viver à sombra do irmão e do amante", afirma a atriz, em referência ao poeta Paul Claudel e ao artista plástico Auguste Rodin.

A atriz, um pouco indignada, conta que até hoje existem correntes acadêmicas que sustentam a possibilidade de o filósofo e poeta Percy Bysshe Shelley, marido de Mary, ter escrito o livro. "É irritante isso, fui a Oxford, li os diários, peguei em minhas mãos os originais do livro e está lá a letra dela, com uma ou outra observação do Shelley anotada", comenta a atriz. "Não existe nada de anormal em ele, sendo um poeta, ter sido o seu primeiro leitor."

O encanto de Erica, de 43 anos, por Camille Claudel vem do tempo em que morou na França nos anos de 2000, e também acompanhado de uma revolta. "Fiquei atravessada quando descobri que aquela

mulher talentosa, cheia de atitude, passou 30 anos alienada do mundo, presa em um sanatório, depois de viver à sombra do irmão e do amante", afirma a atriz, em referência ao poeta Paul Claudel e ao artista plástico Auguste Rodin.

*Inventário* começa com Erica envilhada, caracterizada para a fase final da vida da escultora, perto de sua morte, e, em um clima fantástico, ela vai gradualmente rejuvenescendo ao longo do espetáculo, como se devolvesse a liberdade à personagem. "Acho que dessa forma eu mevingo um pouco pela Camille porque também, várias vezes, reclamo minha liberdade aos gritos", justifica Erica, que contou com a direção de Eric Lenate na montagem.

Diferentemente de Mary Shelley e Camille Claudel, Camila dos Anjos, de 35 anos, não foi sufocada diretamente por uma figura masculina. "Talvez a indústria cultural responda pelo papel do opressor. Ela quis definir, mas eu não deixei", explica. Em *Quebra-Cabeça*, a intérprete conjosamente olha para a própria trajetória, de artista-mirim que, navida adulta, renavalha o tamanho da vocação e o real prozear maquele ofício.

Nainfância, Camila frequentava diversos anúncios publicitários e, adolescente, conheceu a fama no elenco do seriado *Sandy & Junior*, da Rede Globo, empalancando na sequência algumas novelas e matérias nas revistas. "Eu perdi um tempo que não volta, mas aprendi como funcionam os mecanismos da minha profissão", reconhece. "Saíndo desse meio, entendi qual é meu lugar, a importância do teatro, da dramaturgia, algo que muitas atrizes de televisão talvez não tenham descoberto até hoje."

PREMIADO EM OUTUBRO DE 2019 COM O PRÊMIO NACIONAL DE TEATRO  
Erica Montanheiro | 11 604.279.4600  
CONTEÚDO: ANDRÉIA FERREIRA/ESTADÃO

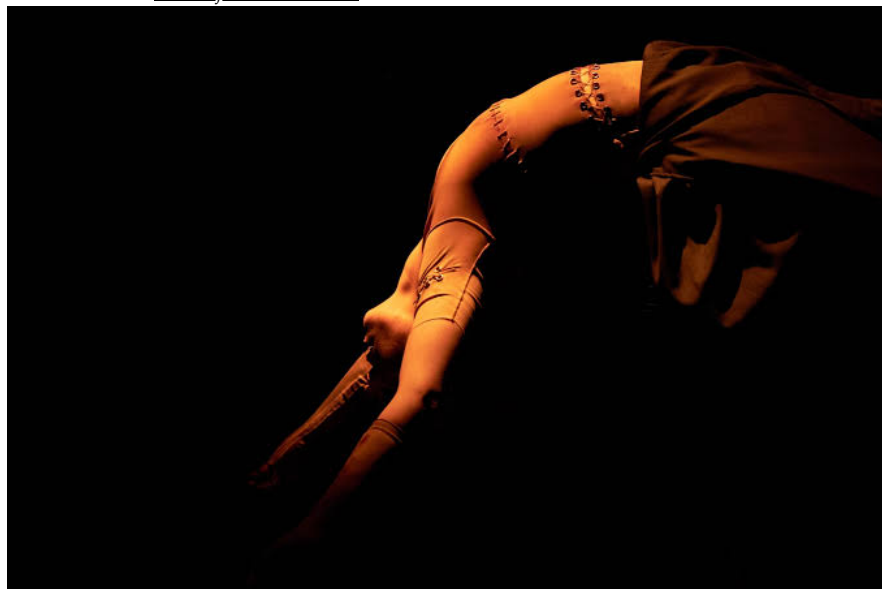
pressreorder

## Deus Ateu

*O site Deus Ateu é uma plataforma digital que se relaciona com os mais diversos campos da cultura.*

# Criatura – Uma Autópsia – Por Marcio Tito

*Publicado em 22 de julho de 2022*



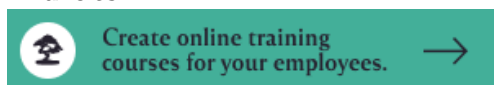
**A marca intelectual e estética de uma atriz sensível e entusiasta – Bruna Longo**

Por Marcio Tito (<http://@marciotitop>)

A melhor e mais eficiente forma de implosão das artes, e sobretudo do teatro, está na redução dos assuntos e na castração de temáticas e estilos – e eis aqui um dos mais importantes acertos da montagem: construir um espaço-tempo radicalmente inscrito nas convenções e na tradição de uma teatralidade nem sempre disponível. Precisamos aplaudir, sempre mais, e mesmo nas capitais, obras teatrais que se inspiram e apresentam, em temas e formas incomuns, teatralidades inesperadas. A “variedade” confirma umas das mais importantes fisionomias do teatro e, sobretudo, do teatro brasileiro.

Muito da linguagem do trabalho aqui elaborado se distribui nos detalhes evidenciados pela boa lida das áreas que determinam o sucesso do material – luz, cenário e atuação. Este trio de instrumentos, orquestrados por uma direção tão vivaz quanto corajosa e segura, com certa economia de procedimentos, baliza cada um dos ângulos da narrativa e faz surgir um expediente cênico e historiográfico que se completa conforme se retroalimenta.

Anúncios



DENUNCIAR ESTE ANÚNCIO

[ ] Sem necessidade de visitarmos filologias estrangeiras ao material da cena, e sem precisarmos completar com sentidos forasteiros o que o trabalho nos oferta, a fragmentação do texto, que se compreende enquanto fragmento, define também uma percepção: a história humana não se definirá pela lembrança, mas sim pela memória. O culto aos ocorridos, sob a luz de renovadas ideias de civilização e ordem, deve ocorrer para que juntos possamos reaver e resignificar as contribuições do passado. A lembrança, inscrita em sujeitos, parece manipulável demais e etérea demais...

Uma mulher, mãe, órfã de uma mulher suicida, no contexto de sua maternidade, atravessada por situações de violência e morte em família, escreveu um livro. E dentre outras filosofias possíveis, diante do trabalho que automaticamente comenta e encara o machismo, e que tivera sua primeira edição publicada sob a pena da "autoria desconhecida", me ocorreu imaginar o seguinte – se haveria sucesso na contação desta grande história escrita por Mary Shelley, fosse a protagonista uma "Rose" ou uma "Molly" Stein? E que grande história o ocidente perderia, caso Mary Shelley tivesse assinado o original?

A história de uma médica que formula uma mulher monstruosa à partir do cadáver de uma série de outras mulheres. Tudo isso aos 18 anos. Em 1800.

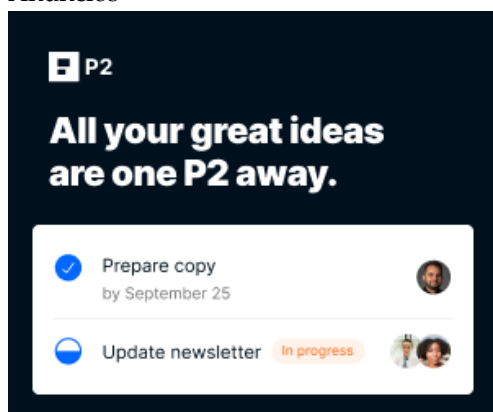
Sabemos a resposta...

Anexo:

Sou um homem deste tempo, inscrito no que já chamamos século 21, no contexto de um país que, embora imperfeito, se mostra na vanguarda de debates socialmente polifônicos e quase sempre tão legítimos quanto honestos e inclusivos. É deste lugar que me dedico na observação do que a arte tem dito e podido dizer.

Diante de uma mostra com agenda feminina e orquestrada por mulheres artistas, numa noite em uma das geografias mais violentadas da cidade, visitar de modo cênico a memória de uma artista que, de certo, não pôde produzir em um terço do que certamente teria pulsão para, e que não pôde nem mesmo assinar o pouco que chegara a ver no mundo, o que e quanto nos diz uma mostra como a Mostra Solos de Mulheres?

Anúncios



[DENUNCIAR ESTE ANÚNCIO](#)

E podemos imaginar como este movimento será percebido no ano de 2122?

Hoje, com todos os convites que o contemporâneo traz, quantos e quantas serão verdadeiramente capazes de compreender a grande e sintomática mudança das estruturas da ciência, das artes, do pensamento e da vida?

# MonoFest'22



*Creature, An Autopsy*

Brezilya

Oyuncu: Bruna Longo

**Bu akşam 20:30**

MonoFest'22

# MonoFest'22

5. ULUSLARARASI TEK KİŞİLİK OYUNLAR FESTİVALI

23 - 28 AĞUSTOS 2022

[tiyatromedresesi.org](http://tiyatromedresesi.org) [/tiyatromedresesi](https://www.instagram.com/tiyatromedresesi) [/themedrese](https://www.facebook.com/themedrese)

*Fragile - Fransa*

*Birth Preparation Course - Kanada*

*Dreams of Hamlet - Rusya*

*Sabre - Avustralya*

*Creature, an Autopsy - Brezilya*

*was? wenn nichts wird aus mir - Avusturya*

*Lola Montez - Sırbistan*

*Birding - Yunanistan*

*Poro - Almanya*

*Hans Schmier - İtalya*

*Workshop: The Dilated Body: Training for Actors*

*Workshop: Jinen Butoh (Live music by Gerardo Vitale)*

*Workshop: Commedia dell'Arte*

*Workshop: Body / Objects-Material*

*Seminer: Tragedya - Ferda Keskin*

*Konser: Serhan Erkol*



PALCO 2

O público entra. Instala-se.  
Olhares curiosos. As luzes morrem.  
No palco, há uma atriz — “criadora e criatura”.

Por Airton Ramos

Bruna Longo

# CRIATURA

O público entra. Instala-se. Olhares curiosos. As luzes morrem. No palco, há uma atriz — "criadora e criatura". A viagem-proposta da peça é uma «fricção entre o romance Frankenstein, Ou O Prometeu Moderno e a vida de sua autora Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley).»[1] E o espetáculo irrompe com um grito — que nos inquieta e dilacera. Uma narrativa-peça (des)construída — quão puzzle — sobretudo — sobre ELA e ELE!

Mary Wollstonecraft Shelley nasceu em Somers Town, em Londres, no dia 30 de agosto de 1797. A sua vida é marcada pela sombra da morte. A mãe de Mary morre 10 dias depois do seu nascimento. Em 1814 aos 17 anos, conhece o poeta Percy Bysshe Shelley. Casam-se após a primeira esposa de Percy ser encontrada morta em circunstâncias misteriosas.

Em 1818 o segundo e o terceiro filhos morrem. Em 1822, seu marido morre afogado durante uma tempestade na Baía de La Spezia. Morre aos 53 anos após viver os últimos 10 anos com um

tumor cerebral.  
E somos conduzidos — sempre e poderosamente — pelo trágico e magnífico universo Mary-Shelleyano. E a dor dela é arremessada em nossa direção: "Órfão é o nome para quem perde os pais? Mas que nome se dá a quem perde os filhos?" Eis "Frankenstein" — despertando — para a vida e para nós. Toca-nos. Ri (connosco). Excitação — Música. Raiva. Medo. Rejeição. Descoberta. Dor. Espanto. Buzinas. Sirenes...

E retorna Shelley — confessando — "sempre convivi com a morte e a vida". E ao leme de tudo está Bruna Longo. Uma atriz que inunda o palco. O bárbaro trabalho físico e emocional. O figurino metamorfoseando entre Shelley e Frankenstein (ou vice-versa). O ambiente. O(s) corpo(s). O riso. As lágrimas. Tudo se via e foi tangível. O teatro é isto — vibração e entrega!

Os adereços — eloquente plasticidade! — (cabeças, bebês, correntes, pá, lâmpadas, baús... — a presentificação do passado)!

E quem será maior — "criadora" ou "criatura"? Poder-se-á vencer a morte?

Imponente — sem dúvida — a obra-prima de Bruna Frankenstein Longo Shelley — e a equipa! O teatro, a obra, a "criadora" e a "criatura" estão vivos e mais presentes do que nunca!





LUANDA, ANGOLA

MAIO DE 2023

# DOIS NOTÁVEIS FESTIVAIS AFRICANOS DE TEATRO

## TWO MAJOR AFRICAN THEATER FESTIVALS

TEXTO TEXT: JOSÉ MENA ABRANTES FOTOS PHOTOS: CEDIDAS COURTESY

Sagazan, e a homenagem pós-tuma da companhia portuguesa Clara Andermatt ao músico cabo-verdiano Pantera, que deu o título à peça.

Outros destaques foram "A Peste Branca", inspirado num texto

do Centro Cultural Português do Mindelo, dirigido pelo próprio director do Mindelact, João Branco, e "Criatura", da brasileira Bruna Longo, um monólogo sobre Mary Shelley, autora de Frankenstein.

Várias oficinas tiveram lugar no âmbito do Mindelact: uma sobre o corpo do actor, pela brasileira Bruna Longo; outra sobre contadores de histórias, pela brasileira Clara Haddad; outra

representação de 23 países, 82 espectáculos, 12 dos quais em competição oficial, oriundos estes da Argélia, Congo (ausente), Egipto, Iraque, Líbano, Marrocos, Palestina, Senegal (país homenageado), Síria, Sudão e Tunísia.

Integraram o júri internacional, além da minha pessoa, Leila Toubel, presidente do júri, e Abdelwaheb Mabrouk, representantes da Tunísia, Yussef Al-Hamdan, do Bahrein, Falah Shaker, do Iraque, e Lina Abyad, do Líbano.

O grupo marroquino Akoun Theater foi vencedor do Tanit de Ouro em quatro categorias: melhor espectáculo, melhor encenação, melhor cenografia e melhor actriz (Jalila Talemsi).

"Transfiguration", by French Olivier de Sagazan, and the Portuguese company Clara Andermatt's posthumous tribute to Cape Verdean musician Pantera, whom the play was named after. Other highlights were "A Peste Branca" ("The White Pest"), inspired by a text by José Saramago, performed by the group from the Portuguese Cultural Center in Mindelo, directed by Mindelact director João Branco, and "Criatura" ("Creature"), by Brazilian Bruna Longo, a monologue about Mary Shelley, the author of Frankenstein.

Several workshops took place in Mindelact: one about the actor's body, by Brazilian Bruna Longo;

CAR

In the African editions, in addition to the group from the Portuguese Cultural Center in Mindelo, directed by Mindelact director João Branco, and "Criatura" ("Creature"), by Brazilian Bruna Longo, a monologue about Mary Shelley, the author of Frankenstein. Several workshops took place in Mindelact: one about the actor's body, by Brazilian Bruna Longo;

Revista Austral, Março de 2023



de José Mena Abrantes. Para o dia 26, será exibida a peça "Criatura – Uma autópsia", texto, direcção e interpretação da brasileira Bruna Longo. A obra é uma reflexão sobre a vida e obra da escritora britânica Mary Shelley (1797 – 1851), criadora de Frankenstein, considerada a primeira ficção científica da literatura mundial. No dia 27, às 16H00,

acontece a mesa-redonda sobre 'Os Desafios da Criação Teatral na Era Digital', orientada por Gil Vicente Tavares. No mesmo dia, às 19H00, será exibida a peça "Godó, o mensageiro do Vale", Texto e interpretação de Caio Monteiro (Brasil) e encenação de John Mowat. No dia 28, às 16H00, a actriz Bruna Longo ministra a oficina sobre o corpo do actor. No mesmo dia, às 19H00, o festival encerra com a exibição da peça "Jantar de Idiotas", de Francis Veber (França), com encenação de



**FESTIVAL DE TEATRO NO ESPAÇO ELINGA**

**Peça do brasileiro Caio Monteiro é exibida esta noite em Luanda**

A 5ª edição do Festival Internacional de Teatro e Artes, iniciado há uma semana, termina amanhã, numa organização do Elinga Teatro no seu espaço, no coração da Baixa de Luanda, em saudação aos 35 anos de existência do grupo.

Hoje, às 16H00, acontece a mesa-redonda sobre "Os Desafios da Criação Teatral na Era Digital", orientada por Gil Vicente Tavares. Ainda hoje, às 19H00, é exibida a peça "Godó, o mensageiro do Vale", texto e interpretação de Caio Monteiro (Brasil) e encenação de John Mowat. Amanhã, às 16H00, a actriz Bruna Longo ministra a oficina sobre o corpo do actor. Depois, às 19H00, o festival encerra com a exibição da peça "Jantar de Idiotas", de Francis Veber (França), com encenação da literatura mundial. Quarta-feira, às 19H00, o grupo Elinga Teatro levou à cena a estreia de "Desejo de Kianda", adaptação do romance homónimo de Pepetela, sob versão teatral e direcção de José Mena Abrantes.

Esta edição do festival rendeu homenagem ao actor Virgílio António, reflectindo o reconhecimento pela entrega às artes cénicas, arte pela qual se dedica inteiramente.

Recordou que foi há 29 anos, em 1994, quando chega ao Elinga Teatro, através de uma oficina liderada por Rogério de Carvalho, ministrada no Espaço Elinga. O exercício resultou na montagem de uma peça, adaptação da obra "O Mestre Tamoda", de Janhenga Xitu. Pelo seu desempenho, Mena Abrantes convidou Virgílio António a integrar o grupo Elinga.

A cantora cabo-verdiana Dina Medina e a sua banda actuam hoje, às 22H00, no Resto Lunabril Place, no bairro de Luanda. Dina Medina é a cabeça de cartaz do intimista que conta com a participação especial da angolana Patrícia Faria.

Segundo o responsável pelo espaço, Bruno Briçadeiras, declarações ao *Jornal de Angola*, será a primeira que a cantora cabo-verdiana actuará no Lunabril Place.

"Escolhi a cantora por sua popularidade e simpatia, há muito conquista o público angolano. É com uma voz irresistível e grande referência da cabo-verdiana", referiu Dina Medina nas suas declarações em Luanda, em 1975, e a cantar com apenas 17 anos.

Ontem, às 19H00, foi exibida a peça "Criatura – Uma autópsia", com texto, direcção e interpretação da brasileira Bruna Longo. A obra é uma reflexão sobre a vida e obra da escritora britânica Mary Shelley (1797 – 1851), criadora de Frankenstein, considerada a primeira ficção científica da literatura mundial.

## Deus Ateu

*O site Deus Ateu é uma plataforma digital que se relaciona com os mais diversos campos da cultura.*

# Criatura – uma Autópsia – Por Mariana Ferraz

*Publicado em 3 de julho de 2023*



O exímio desempenho corporal da atriz, que atribui à encenação de “Criatura – uma autópsia” certa carga de hibridismo performático, oferece ao espectador a impressão de encontrar-se, em diversos momentos, diante de uma das tantas gravuras que representam a chamada Dança Macabra ou Dança da Morte, alegoria literária medieval sobre a universalidade da morte – Criatura – uma Autópsia

Por Mariana Ferraz  
@marianaferrazmf

O espetáculo “Criatura – uma Autópsia”, solo idealizado e interpretado por Bruna Longo, é um convite à reflexão sobre a morte, o luto, e a paradoxal e trágica estranheza de estarmos vivos. A partir da obra “Frankenstein ou O Prometeu Moderno”, bem como de fragmentos que narram a biografia de Mary Shelley, autora do romance, Bruna Longo presentifica a delirante solidão de uma mulher que, diante de uma sequência ininterrupta de mortes daqueles e daquelas que compunham seu entorno, decide escrever uma obra sobre a imortalidade.

O exímio desempenho corporal da atriz, que atribui à encenação de “Criatura – uma autópsia” certa carga de hibridismo performático, oferece ao espectador a impressão de encontrar-se, em diversos momentos, diante de uma das tantas gravuras que representam a chamada Dança Macabra ou Dança da Morte, alegoria literária medieval sobre a universalidade da morte. Isto, principalmente, porque ao tratar dos tantos desaparecimentos físicos que povoaram a história de Shelley – com destaque ao de seus três filhos, mas abarcando ainda a de sua mãe, a de seu companheiro, a de sua irmã, dentre outras –, Longo escancara e esmiuça este grande incômodo que reside no debate sobre o fenecimento da vida, suscitando ao público uma insólita e difícil ruminação também acerca da transfiguração do sofrimento em arte: afinal, quantas vezes devemos experimentar a morte para que um romance literário possa nascer?

É mister celebrar, em “Criatura – uma Autópsia”, também a dimensão estética do cenário, da indumentária da atriz, bem como a delicadíssima e acertada iluminação de cena. Destaca-se, ainda, a mobilização de uma expressiva multiplicidade de objetos cênicos – entre bonecos, maletas, espelhos, correntes, etc –, o exercício da narração de algumas partes do texto pela voz off da própria atriz, bem como a revelação de uma acurada e louvável pesquisa, não apenas quanto à trajetória de Mary Shelley e do processo de elaboração de sua obra magna, mas também sobre o contexto histórico britânico de fins do século XVIII e princípios do século XIX – panorama estrutural condicionante da constituição política e subjetiva de Shelley, tanto quanto da soturna alvorada de seu Frankenstein.

Afirmara o poeta Lord Byron, em excerto presente na dramaturgia, que cada um deve escrever a sua história de fantasmas. Se Mary Shelley pôde fazê-lo, oferecendo à literatura mundial seu raconto acerca do solitário padecimento da monstruosidade que dá nome à obra, também a atriz e idealizadora Bruna Longo cumpriu com a instrutiva byroniana por meio da realização do espetáculo “Criatura – uma Autópsia”. Porque para além da morte, da solidão e do sofrimento, há uma conclamação pela exegese do macabro que todos carregamos adentro – que inevitavelmente irradia, pulsa e dificilmente se cala.

“Criatura – uma Autópsia” acaba de encerrar sua temporada no Teatro Cacilda Becker, após ter estado também nos teatros Artur Azevedo e Alfredo Mesquita pelo fomento da 16ª Edição do Prêmio Zé Renato. A circulação do espetáculo seguirá em dois locais a confirmar, na Zona Sul e no Centro de São Paulo. Compareçam: fitar a face do horror é também impreterível.

**Mariana Ferraz** é escritora, atriz, historiadora e tradutora. Possui graduação e mestrado em História pela Universidade de São Paulo – USP e especialização livre em Arte como Interpretação do Brasil pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP. Frequentou o curso de Atuação da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco. É performer do Coletivo Ser Alinhado, com o qual realiza intervenções públicas na cidade de São Paulo. Publicou “tantos estados da água” (poesia, Ed. Urutau, 2022), além de múltiplas colaborações acadêmicas e artísticas em livros, periódicos e plataformas de comunicação brasileiras e internacionais.

